

## Iraque

### Inferno na terra do Paraíso

---

*Onde param, afinal,  
os altos valores éticos  
das democracias  
ocidentais?  
Contribuímos  
com as nossas armas  
e até com as nossas tropas  
para arrasar  
o património histórico  
do Iraque,  
deixando-o depois  
ao abandono  
durante mais  
de uma década.*

**Luís Raposo**

*Director do Museu Nacional  
de Arqueologia*

---

A terra onde a humanidade pela primeira vez enterrou os mortos, onde se iniciaram a agricultura e a pastorícia, onde surgiram as cidades e os Estados, onde se inventou a escrita e nela se registaram os primeiros pensamentos filosóficos, as primeiras cosmogonias, os primeiros deuses... enfim, a terra onde “começou a história” e esteve situado o antigo Paraíso Bíblico, encontra-se de novo mergulhada num Inferno.

É a guerra, dizem-nos, resignados, os seus mais idealistas defensores. Uma guerra bem intencionada, em todo caso, logo acrescentam, cirúrgica e que só provoca “danos colaterais”, expressão que causa arrepios em qualquer pessoal bem formada.

Na base destas convicções, o Instituto Americano de Arqueologia elaborou antes do conflito uma listagem muito precisa e geo-referenciada de sítios e museus a preservar, por constituírem património comum de toda a humanidade. Houve reuniões no Pentágono, tranquilizando-se aqueles para quem a ordem internacional resultante do pós-guerra (que ironia, nos tempos que correm...) constitui uma espécie de adquirido civilizacional, traduzido em textos jurídicos da UNESCO: a “Convenção para a Protecção de Bens Culturais em Caso de Conflito Armado” (celebrada em 1954, actualizada em 1999, e ratificada até agora plenamente por 103 países, com a curiosa e mais notável excepção dos EUA) e a “Convenção sobre os Meios para Proibir e Prevenir a Importação, Exportação e Transferência Ilícita da Pro-

priedade de Bens Culturais” (celebrada em 1970 e ratificada por 97 países, entre os quais os EUA).

Afinal, parece que as tropas invasoras estavam no momento da tomada de Bagdade mais preocupadas em guardar o Ministério do Petróleo, do que o Museu Nacional de Arqueologia, situados ambos na mesma praça. Bastaria terem colocado à entrada do museu dois soldados armados, dizia na televisão o director, visivelmente comovido. Mas não o fizeram e assim, entre o inadvertido e o cúmplice, deixaram saquear o dito museu, de onde desapareceu mais de uma centena de milhar de peças. De nada valeram as acções de formação do pessoal, que aprendeu a recolher em reservas, num só dia, o conteúdo das 32 salas de exposições. Os saqueadores foram directamente às caves, onde sabiam o que queriam.

Ao que parece, as tropas invasoras esqueceram-se em casa das listas de locais que lhes tinham sido entregues antecipadamente. De nada valeu escrever a palavra UNESCO nos telhados dos monumentos e edifícios históricos e desenhar neles o emblema convencionalmente internacionalmente. O rol da destruição e do saque cresce todos os dias, à medida que se faz o balanço da guerra.

É a guerra, voltam a dizer-nos, agora cinicamente. Nada de novo, enfim. Em 1991 tinham já sido esvaziados mais de uma dezena de museus. Paredes inteiras de templos assírios foram demolidas e partidas aos bocados, para maior rentabilização anti-quarista. Das dezenas de milhares de peças então roubadas, apenas cerca de 4000 possuíam registo de inventário suficientemente preciso e destas apenas duas ou três dúzias acabaram por ser devolvidas ao Iraque. Quando em 1999 o Museu Metropolitano de Nova Iorque reabriu ao público a sua exposição de antiguidades assírias, com muitos exemplares novos indicados como “provenientes de reservas”, o arqueólogo inglês Nicolas Postgate detectou neles pelo uma estatueta em bronze que ele próprio estudara e identificara no museu de Kirkuk e era dada como roubada em 1991. Reclamada pelas autoridades iraquianas, não foi até hoje devolvida, sob pretexto que o embargo internacional ao Iraque impediria tal procedimento !

Onde param, afinal, os altos valores éticos das democracias ocidentais? Contribuímos com as nossas armas e até com as nossas tropas para arrasar o património histórico do Iraque, deixando-o depois ao abandono durante mais de uma década. Considerámos como “material sensível”, sujeito ao embargo, todo o tipo de equipamentos e consumíveis de tratamento de colecções museológicas. A escola de conservação e restauro de bens arqueológicos iraquiana, a mais notável de todo o Médio Oriente, viu-se estrangida a regressar ao tempo do gesso e da goma-arábica. Fizemos “vista grossa” e deixámos os nossos coleccionadores, os nossos museus até, enriquecer à custa do mercado negro de antiguidades. E, como se tudo isto não bastasse, dispusemo-nos agora a ir directamente à fonte, destruindo, pilhando ou deixando que outros o façam à nossa volta, pensando talvez secretamente que no fim de contas tudo será feito em nosso ulterior benefício, porque seremos sempre nós, na nossa abundância, os destinatários finais de todos os saques.

Nada de tão grave, começam insidiosamente a fazer-nos crer: além, é um comerciante de antiguidades suíço que, pressuroso, nos sossega, dizendo que tudo há-de aparecer um dia; acolá, são os teóricos da nova ordem internacional que defendem já o abandono das legislações restritivas do comércio de antiguidades, por demasiado limitativas do mercado capitalista.

Ora, é aqui que se separam as águas. Não é preciso ser pacifista ou anti-americano para expressar o “mais veemente grito de alerta e revolta, protestando contra a tragédia em curso, chamando a atenção para os perigos de continuada delapidação do património histórico-cultural do Iraque, assim como da ulterior introdução de muitos dos seus bens móveis em circuitos de tráfico ilícito de antiguidades e obras de arte”. Foi isto fizemos, numa mobilização sem precedentes, todos os directores dos museus nacionais e dos mais importantes museus locais de arqueologia, assim como os presidentes das nossas associações da especialidade, lançando um manifesto que se encontra aberto à subscrição pública, por via da Internet ([www.mnarqueologia-ipmuseus.pt](http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt)) ou presencialmente nos museus, aproveitando para o efeito as comemorações do Dia Internacional dos Museus, em 18 de Maio próximo. É tempo de tomar posição e agir. Há silêncios ensurdecedores.